

BOLETIM

OBSERVATÓRIO

da diversidade

CULTURAL

Diversidade Cultural e Mediação

V75, N.11.2017 - DEZEMBRO 2017

ISSN 2526-7442

REALIZAÇÃO



Grupo de Pesquisa
Observatório da
Diversidade Cultural

PARCEIROS



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
MINAS GERAIS

Programa de
Pós-Graduação
em Artes



Programa de
Pós-Graduação
em Comunicação Social



OBSERVATÓRIO
da diversidade
CULTURAL

BOLETIM DO OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

DIVERSIDADE CULTURAL E MEDIAÇÃO

05

DIVERSIDADE CULTURAL E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO

José Márcio Barros e Mariana Angelis

13

MEDIAÇÃO OU MEDIAÇÕES? UM PONTO DE VISTA A PARTIR DA TEORIA DA MEDIAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO E A DIVERSIDADE CULTURAL

Camila Alvarenga

23

DESAFIOS DA MEDIAÇÃO CULTURAL NA ATUAL CONJUNTURA BRASILEIRA

Plínio Rattes e Poliana Bicalho

29

SOBRE PÉS-DE-MOLEQUE E A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

Alisson Rosa

33 SOBRE OS COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

35 SOBRE O OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

37 SOBRE O BOLETIM OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

DIVERSIDADE CULTURAL E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO

José Márcio Barros
Mariana Angelis

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO,1982), em conferência internacional realizada na Cidade do México:

Em seu sentido mais amplo, a cultura pode ser agora entendida como o complexo integral de distintos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela inclui não apenas as artes e as letras, mas também modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças. (UNESCO, 1982, p.1)

Tal concepção ampliada é fundamental para se compreender a diversidade cultural e os processos de mediação engendrados nos diferentes contextos culturais, de forma a elucidar a maneira como as diferenças são, ou não, reconhecidas, valorizadas e tornadas espaço de diálogos interculturais.

Por diversidade cultural, compreendemos os processos decorrentes

das diferentes línguas e linguagens, hábitos culturais, vestuários, religiões etc., mas também, as diferentes formas como sociedades, grupos sociais e indivíduos se organizam e interagem, entre si e com o ambiente. Diversidade cultural, portanto, refere-se tanto aos processos de construção de nossas diferenças quanto aos processos de interação que se estabelece entre tais diferenças.

Ancoradas em diversos fatores que confluem no modo de vida contemporâneo, com especial atenção à globalização, as relações entre diferentes também pode resultar na transformação das diferenças em desigualdades. Ao contrário da convivência dialogal e convergente, as disputas por hegemonia política, econômica e simbólica, que marcaram grande parte das relações históricas entre diferentes culturas, etnias e nações, se renovam sob a predominância das disputas e conflitos.

Aqui, entretanto, torna-se importante considerar também, as possibilidades e mesmo potencialidades que o processo de globalização apresenta, e não apenas suas perversidades.

Fonte de desigualdades entre setores sociais, culturas e países, mas também capaz de potencializar a associação, a participação democrática e a defesa de direitos sociopolíticos e culturais, ativando uma expressiva criatividade. Esta é marcada por um modelo de comunicabilidade em rede, interativo e conectivo.
(MARTIN-BARBERO, 2008, p. 16)

A atualidade nos impõe o desafio de ir além do reconhecimento antropológico da diversidade cultural como maior patrimônio da humanida-



Crédito: Pixabay /Divulgação

de”, pois, não se deve renunciar ao dever de promover e reafirmar o princípio da diversidade, mas sim encontrar meios de incorporar a esse “a urgência do enfrentamento de sua dimensão política e econômica”. (BARROS, p.1, 2008)

A discussão acerca da diversidade cultural abarca também a maneira como a sociedade e, conseqüentemente, suas instituições culturais se organizam e lidam/gerenciam as diferenças, pois:

Ao se falar de diversidade cultural nos referimos a modelos normativos diversos que ordenam não apenas a produção e as trocas simbólicas no campo estético,

religioso e lúdico, mas que se referem também às maneiras como se definem as formas de aprendizagem, circulação, apropriação, distribuição, mercantilização de bens e processos culturais. A diversidade cultural é, forçosamente, mais que um conjunto de diferenças de expressão, um campo de diferentes e, por vezes, divergentes modos de instituição. (BARROS, 2011, p.21).

Para pensar as instituições culturais e o seu papel na sociedade contemporânea, sobretudo no que tange ao relacionamento com o(s) (diferentes) público(s), entendido aqui em sua forma mais variada, tanto como visitantes, como potenciais frequentadores ou demais sujeitos inseridos em um mesmo contexto/ambiente, é preciso também reconhecer e apreender as mediações culturais que se dão nesses espaços e sua correlação com a diversidade cultural.

Partindo do reconhecimento da condição comunicativa da cultura, assim como da “natureza cultural dos sentidos e da condição ativa dos sujeitos em processos de interação” (BARROS; KAUARK, 2016, p.8), a mediação cultural pode ser entendida como uma série de práticas e ações que se configuram enquanto “conexões entre ações individuais, coletivas e representações.” (BARROS; KAUARK, 2016, p.8). As mediações são, assim, processos de apropriações, recodificações e ressignificações dos sujeitos/coletivos.

Para além de um conjunto de fazeres que visam conduzir a interação entre o público e a arte, a mediação cultural possui uma dimensão política e conceitual, que passa pela produção social de sentido compartilhada:

A mediação tem como tarefa reduzir a distância entre sujeitos e objetos de sentidos, tornando assim, a vida coletiva possível, não porque todos pensam da mesma forma, mas porque são capazes de realizar operações de sentido, traduções e recriações. (BARROS; KAUARK, 2016, p.8)

É comum a perspectiva que localiza a origem da mediação cultural na instituição museal e no reconhecimento do potencial educativo das obras de artes. Contudo, a mediação é transfronteiriça e permeia diferentes campos e áreas da experiência humana, seja através do desenvolvimento da formação artística como prática pedagógica, da multiplicação de projetos socioeducativos e de organizações não-governamentais atentas à cultura, seja da preocupação de gestores culturais quanto à formação, fidelização e/ou diversificação dos públicos da produção artística. A mediação vai além do tornar o conteúdo dos bens e serviços culturais oferecidos pela instituição ao público acessível. Constitui-se como uma busca de qualidade nas interações que a relação com o público institui, uma espécie de experiência expandida, que se configura como conexões entre ações sociais e representações.

Dessa forma, os processos de mediação que reconheçam e legitimem a diversidade cultural devem assumir os desafios de se abrir às práticas descolonizadoras e emancipadoras. Ainda que empenhada em “suturar as fraturas socioculturais, por meio de conciliações e inclusões”, a mediação também lida com conflitos que nem sempre são conciliáveis ou que, por vezes, conciliá-los corresponderia “à tentativa de encobrir as desigualdades e assimetrias que eles expõem”. Desse modo, “a von-

tade de incluir “dentro” quem está “fora” pode corresponder à inclusão subordinada de uma parte pela outra – à tentativa de recompor as mesmas hierarquias com a aquiescência das partes subordinadas.” (HONORATO; MORAES, 2016). Nesse sentido, a (re)negociação de seu papel em direção a uma conjuntura não hegemônica:

demanda outro tipo de mediação, não inteiramente novo, mas efetivamente comprometido com processos de transformação sociocultural, nos quais a pluralidade não se resume à coexistência indiferente das diferenças, mas participe da construção de um comum dissensual, efetivamente político, radicalmente democrático. (HONORATO; MORAES, 2016).

Se a cultura, assim como a diversidade cultural, são resultados de processos dinâmicos, torna-se necessária a revisão e atualização contínua dos modos de mediação, organização e gestão, considerando sua dimensão simbólica, subjetiva e conflitante. É fundamental que as instituições contemporâneas, conectadas ao contexto no qual se inserem, reconheçam o papel e protagonismo de seu(s) público(s) e estejam aptas ao constante risco de responder às tensões, conflitos, trocas e interações participantes e resultantes da diversidade e da relação intercultural.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Márcio. (Org.) **Diversidade Cultural: da proteção à promoção**. Ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte. 2008. 164 p.

BARROS, José Márcio. **A diversidade cultural e os desafios de de-**

envolvimento e inclusão: por uma cultura da mudança. In: BARROS, José Márcio. As mediações da cultura: arte, processo e cidadania. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009

BARROS, José Márcio. **Diversidade cultural e gestão: apontamentos preliminares.** IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador. 2008. 8p. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14323-01.pdf>> Acesso em 4 jul. 2017.

BARROS, José Márcio Barros. **Mediação, formação, educação: duas aproximações e algumas proposições.** Revista Observatório Itaí Cultural: OIC. N. 15 (dez 2013/maio 2014). Itaí Cultural, São Paulo. 2013. p. 10-16. Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/01/Revista_observatorio_15_ISSUU-1.pdf> Acesso em 12 jul. 2017.

BARROS, José Márcio; KAUARK, Giuliana. **Mediação Cultural: Um convite e uma provocação.** Boletim Observatório da Diversidade Cultural: Mediação e Diversidade. V64, N.12. Dezembro 2016. p. 7-9. Disponível em <https://issuu.com/observatoriodadiversidadecultural/docs/odc_boletim_dezembro_2016> Acesso em 12 jul. 2017.

BASTOS, Marco Toledo de Assis. **Do sentido da mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero.** Revista FAMECOS. n. 35. Porto Alegre. Abril. 2008. p. 86-89

HONORATO, Cayo. **Mediação e democracia cultural.** São Paulo:

SESC, 2014. 11p. Disponível em <https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/media____o_e_democracia_cultural> Acesso em 13 maio 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência. Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural.** Ministério da Cultura do Brasil, Brasília. 27-29 junho 2008. 19 p. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/90445/93215>> Acesso em 12 jul. 2017.

UNESCO. **Relatório Mundial da UNESCO Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural.** Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>> Paris, 2009. Disponível em 23 jul. 2017.

MEDIAÇÃO OU MEDIAÇÕES? UM PONTO DE VISTA A PARTIR DA TEORIA DA MEDIAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO E A DIVERSIDADE CULTURAL

Camila Alvarenga

Quem se aventura pela pesquisa das “mediações”, em qualquer área, sempre se depara com o emprego do termo em contextos distintos. Às vezes parece até um conceito “papel pega-mosca”, onde tudo o que se aproxima dele cola, adere e passa a ser incorporado.

De fato, “mediação” é um conceito utilizado recorrentemente em diversas áreas. Por exemplo, no campo do Direito, no qual comumente ouvimos sobre a “mediação civil”, a “mediação penal” ou a “mediação de conflitos”. Também na área dos esportes, ouvimos sobre a “mediação da prática esportiva”, a “mediação de jogos” etc. Já na área da Comunicação, pesquisadores e envolvidos com o campo empregam com frequência os termos “mediação das mídias”, “mediação das redes” e por aí vai. O termo assume diferentes acepções acerca do contexto em que é empregado.

Se, por um lado, ele possui essa plasticidade podendo nos levar a várias reflexões, por outro também nos traz muitas dúvidas. Afinal, o que significa mediação e como esse termo se relaciona com a comunicação e a diversidade cultural?

Conforme Lalande, citado por Signates (1998, p. 37), a origem do termo mediação procede do adjetivo inglês mediate (mas admite-se, também, vinculação com o francês mediat e, em seguida, médiation) do qual se originou o substantivo médiation e seus derivados, como intermediation. Conforme o autor, em alemão, a palavra mediação (vermittlung) pode ser encontrada, sobretudo, em Hegel. Quanto ao conceito de mediação, Signates aponta que ele procede, principalmente, de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã, e a hegeliana, bem como a tradição marxista. Esta, ligada à preocupação de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas e aquela à ideia da mediação do Cristo entre Deus e o mundo, da mediação dos santos entre os pecadores e Deus, etc.

Em relação ao significado mais corrente de mediação, o pesquisador aponta que está vinculado à ideia de intermediário, assim como é utilizado no contexto da epistemologia behaviorista enquanto “elos intermediários” entre o estímulo inicial e a resposta, gerando “ao mesmo tempo, as respostas aos estímulos que os precedem e, por sua vez, estímulos para os elos que seguem” (DUBOIS apud SIGNATES, 1998, p. 38). Sem perder o significado de intermediação, a apropriação filosófica do conceito de mediação tem outros sentidos. Pode ligar-se ao primeiro elemento por intermédio do segundo, ao invés de se aplicar ao próprio elemento intermediador. Pode ainda, adquirir um sentido mais processual ou ligado à ideia de movimento “[...] entre um termo ou um ser do qual se parte e um termo ou um ser ao qual se chega, sendo essa ação produtora do segundo, ou pelo menos condição de sua produção.” (LALANDE apud SIGNATES, 1998, p. 38).

Na dialética hegeliana o termo aparece, também, com este sentido: “como



Crédito: Ryoji Iwata on Unsplash

todo e qualquer termo, exceto o primeiro e o último, que se preste a operador indispensável a uma proposição teórica que assuma a pretensão de oferecer uma descrição completa do mundo” (Idem, Ibidem). Walter Benjamin, na herança marxista, teorizou sobre a mediação fundamental que permitiu pensar a relação das mudanças no espaço da cultura com a transformação nas condições de produção.

Mas, foi Raymond Williams (1979), em sua obra *Marxismo e Literatura*, quem empregou o termo mediação – na tentativa de substituí-lo pelo termo reflexo – para dizer do momento em que a análise social da arte estendia-se às relações sociais. Nesse contexto, para o intelectual, a mediação:

[...] pode referir-se primordialmente aos processos de composição necessários, em um determinado meio; como tal, indica as relações práticas entre formas sociais e artísticas. Em seus usos mais comuns, porém, refere-se a um modo indireto de relação entre a experiência e sua composição (WILLIAMS apud SIGNATES, 1998, p. 39).

Nessa perspectiva, a arte e outros produtos culturais não são meros reflexos sociais. Portanto, as produções culturais são mediadas. “A mediação está no objeto em si, não em alguma coisa entre o objeto e aquilo que é levado”. (WILLIAMS, 1979, p. 102).

No âmbito dos estudos de Comunicação, o pesquisador mexicano Guillermo Orozco Gómez (1994) indica outros autores que empregaram a noção de mediação de formas variadas: McQuail, como sinônimo de filtro; Keltner, como intervenção explícita entre sujeito e fragmento de informação e Manuel Martín Serrano - na *Teoria da Mediação Social* -, como resultado do controle social na produção do real para a audiência dos meios de comunicação. Em minha pesquisa de mestrado – que tratou da relação entre Cultura, Comunicação e Educação - deparei-me com essa teoria, que nos apresenta um ponto de vista para vislumbrarmos a diversidade cultural a partir de uma perspectiva da mediação, dentre várias outras existentes.

A Mediação Social ganhou notoriedade na década de 1980 - a partir da obra *La Mediación Social*¹, publicada em 1977 - em um contexto no qual a América Latina passava pelo desgaste dos modelos ditatoriais, por uma profunda crise nas estruturas militares como forma de governo e, consequentemente, pela abertura para ensaios de democracias representativas. De acordo com Maldonado (2008), nesse cenário político e histórico os processos de comunicação tiveram uma participação importante no abalo das estruturas ditatoriais, sendo que a comunicação popular esteve presente neste momento, contribuindo para o enfraquecimento dos governos repressivos. Esses processos contribuíram para mostrar que a relação entre sistemas midiáticos e públicos não era uma relação direta, linear, mecânica e de efeitos técnicos controlados.

Os comunicadores foram percebendo que se fazia necessário trabalhar frentes culturais que estabelecessem fortes nexos simbólicos entre as comunidades populares e as organizações.

Desse modo, foram redescobrimo aquilo que os grandes cientistas e filósofos críticos da história aprenderam a força, que a cultura estabelece estruturas, esquemas, matrizes, hábitos e costumes que se impregnam profundamente no espírito da gente, essas formas históricas de longa duração, às vezes de milênios, outras de séculos, que se constituem em mediações fundamentais nos processos de comunicação humana. (LAMEIRAS; GALINDO apud MALDONADO, 2008, p. 9)

Para o professor espanhol Martín-Serrano, os processos de mediação

¹ Em nota publicada no prólogo da reedição comemorativa do 30º aniversário de publicação dessa obra, Martín Serrano explica que, antes de sua publicação, já havia tratado sobre as mediações sociais em sua tese doutoral em 1974, na qual se apresenta a primeira versão dos conceitos e modelos da mediação. Em 1976 aparece o termo “Mediação”, que havia escrito para o *Diccionario de Ciencias Sociales* do Instituto de Estudios Políticos, em Madrid.

social são um marco apropriado para o estudo da produção social da comunicação. Ele começa pela investigação das inter-relações entre os sistemas sociais e as diferentes modalidades de comunicação pública, a partir do pressuposto de que existem interdependências entre a transformação da comunicação pública e a mudança da sociedade, e vice-versa.

A mediação social produz formas de controle que operam com recursos, práticas e propósitos de reduzir a dissonância gerada pelo conflito entre as inovações e as normas culturais, quer dizer, produz modelos de adaptação à mudança social. Em uma sociedade que se diz em crise, o controle social funciona como um modelo de ajuste, cuja função é:

[...] produzir instituições mediadoras (como, por exemplo, a assistência social), modelos mediadores e objetos mediadores (como os tranquilizantes) que atuam como giroscópios, restabelecendo o equilíbrio em um estado de permanente disfunção a que está submetida a sociedade, como consequência dos desajustes entre as normas, as tecnologias e as personalidades (MARTÍN SERRANO, 1978, p. 42, tradução nossa)².

Quando a sociedade não consegue resolver o conflito, eliminando um dos fatores em contradição, já que ambos tornam-se essenciais para o sistema, supõe-se que as instituições mediadoras, entre elas os meios de comunicação, proponham um modelo lógico para interpretar e integrar a contradição, ou seja, que proponham uma ordem a nível formal para a desordem existente a nível real, de forma que a própria contradição sirva à reprodução social e a totalidade da ordem social não seja questionada.

² No original: “producir instituciones mediadoras (por ejemplo, los asistentes sociales), modelos mediadores (por ejemplo, la mística del desarrollo) y objetos mediadores (por ejemplo los tranquilizantes) que actúen como giróscopos, restableciendo un equilibrio en el estado de permanente disfunción a que está sometida la sociedad, como consecuencia de los desajustes entre las normas, las tecnologías y las personalidades”.

Dessa forma, Martín Serrano estudou quais eram e como funcionavam esses mecanismos de controle - até então novidade naquela época - que tornavam possível a utilização da contradição para reproduzir a ordem contraditória, propondo uma teoria que explicasse as funções de uma mudança na comunicação institucionalizada e a reprodução nas sociedades capitalistas, que transitavam da fase industrial para a pós-industrial, quando estas funções estavam começando a se manifestar. Além disso, o autor forneceu uma metodologia necessária para tornar essa teoria pesquisável e aplicável no estudo do controle das visões de mundo por meio da televisão.

A visão das relações entre comunicação, cultura e sociedade que se sustenta na Mediação Social ancora-se, igualmente, em aportes do estruturalismo e, particularmente, do estruturalismo antropológico encabeçado por Lévi-Strauss. As investigações dessa vertente demonstram que, em geral, as estruturas narrativas são muito resistentes à mudança: na aparente pluralidade dos conteúdos dos produtos culturais repete-se, na realidade, um repertório limitado e estável de modelos de mundo.

Esse ponto de vista reforça a ideia de que o sistema cultural é um reflexo do sistema produtivo. Existem aspectos da realidade social que resistem às transformações das relações de produção, assim, o estudo daquilo que muda requer conhecer, ao mesmo tempo, aquilo que permanece. Dessa forma, conforme Martín Serrano:

A teoria da mediação social oferece um novo objeto para as ciências sociais: o estudo da produção, transmissão e utilização da cultura, a partir da análise dos

modelos culturais e de suas funções. Estes estudos são especialmente necessários quando a cultura se utiliza como um procedimento de dominação. Assim ocorre nos fenômenos de transculturação, como se observa quando uma sociedade destrói os sinais de identidade da outra; e também acontece nos processos de controle social, cada vez que se propõe uma visão pré-estabelecida do mundo e do que acontece no mundo, para influenciar a consciência das pessoas (MARTÍN SERRANO apud MALDONADO, 2008, s/p).

Nesse sentido, o pesquisador espanhol sugere a existência de mediações cognitivas e estruturais, sendo que a cognitiva opera sobre os relatos, oferecendo à audiência modelos de representação do mundo. Por sua vez, a estrutural incide sobre os suportes, oferecendo às audiências modelos de produção de comunicação (Ibid.). Martín Serrano propõe uma distinção entre a “natureza tecnológica” do meio de comunicação e seu “uso social”, haja vista que uma determinada sociedade pode fazer uso de um meio que não valorize todas as suas potencialidades tecnológicas.

Para investigar os fenômenos comunicativos e culturais pelo viés mediacional, verifica-se “a maneira como uma formação social se apropria de certa tecnologia para determinados fins” (MARTIN SERRANO, 1997, p. 91, tradução nossa) , centrando-se na análise dos códigos e não dos conteúdos dos produtos comunicativos. Martin Serrano evita cair no mecanicismo que atribui uma revolução cultural a cada revolução tecnológica e inverte a conhecida premissa de McLuhan (1967), segundo a qual “o meio é a mensagem” para “a mensagem é o código” – e os usos dos meios que a sociedade permitir.

Essa perspectiva do emprego do termo mediação – que exerceu considerável influência nos estudiosos latino-americanos sobre a teoria da recepção (no campo da Comunicação) - nos permite enxergar um fragmento do amplo escopo de significados que esse termo adquire. Decerto, para ampliar o alcance desse conceito no campo das pesquisas de recepção, na Comunicação, é preciso considerar não somente a compreensão dos modos de operação dos meios de comunicação, mas, também, a sua integração com atores específicos, estruturas e dinâmicas sócio-históricas e culturais, etc.

O que pode ser visto em Jesus Martín-Barbero, com os seus estudos sobre as mediações comunicativas da cultura, e em Guillermo Orozco Gómez, com as múltiplas mediações. Para fins desse texto, não cabe aqui adentrarmos nos conceitos acima citados. Eles podem ser vistos na pesquisa “Comunicação, Educação, Cultura e suas mediações: Uma imersão no projeto Proteger é Preciso/ONG Oficina de Imagens”.

REFERÊNCIAS

MALDONADO, Alberto Efendy. **Confluências epistemológicas: teoria da mediação social de Martín-Serrano e pensamento crítico transformador latinoamericano**. Eptic On Line, São Cristóvão, v. 10, nº 3, set./dez. 2008.

MCLUHAN, Marshal; FIORE, Quentin. **The Medium is the Message: An Inventory of Effects**, Harmondsworth: Penguin, 1967.

MARTÍN SERRANO, Manuel (2007): “**Prólogo para La Mediación So-**

cial en la era de la globalización”, **Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación**, nº 1, segundo semestre de 2007, pp. 1-24. Universidad Complutense de Madrid.

OROZCO Gómez, Guillermo. **Recepción televisiva y mediaciones: la construcción de estrategias por la audiència**. In: Televidencia. Cuadernos de Comunicación, n. 6, Mexico, 1994. (p. 69-88).

SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação. Novos olhares**, n. 2, p. 37-49, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 102.

DESAFIOS DA MEDIAÇÃO CULTURAL NA ATUAL CONJUNTURA BRASILEIRA

Plínio Rattes
Poliana Bicalho

A importância da arte na construção subjetiva, social e política da identidade dos indivíduos, sobretudo de crianças e adolescentes, é uma afirmação aparentemente óbvia e ponto pacífico. Talvez por isso, nesses tempos de intensa polarização e conflitos políticos o campo das artes reflita tantas tensões e disputas.

A criminalização de inúmeros produtos artísticos, bem como a polêmica da não obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas de ensino médio¹, nos levam a questionar sobre a importância de militarmos pelo direito ao acesso físico e simbólico à produção cultural, de forma livre, autônoma e plena. Nesse sentido, a mediação cultural pode ser uma ferramenta fundamental para se contrapor ao movimento crescente de cerceamento ao qual a arte tem sido submetida nos últimos tempos no Brasil.

A mediação cultural, termo polissêmico e que ainda se encontra em conformação, pode ser compreendida como um campo teórico-metodológico que se insere na interposição entre a fruição e a produção

¹ O texto divulgado inicialmente pelo Ministério da Educação – MEC apontava que disciplinas de artes, educação física, sociologia e filosofia seriam eletivas, dependendo da decisão de cada escola. Porém, o texto estaria equivocado sendo ratificado pelo MEC após repercussão do material.

do bem cultural. Para o pesquisador José Márcio Barros (2013), entende-se por mediação “o processo de circulação de sentidos nos diferentes sistemas culturais, operando um percurso entre a esfera pública e o espaço singular e individual dos sujeitos” (p.9). Para ele, a mediação cultural é “uma operação cognitiva, simbólica e informal que se faz presente em processos tanto de formação quanto de educação” (Ibid.).

Todos os públicos são passíveis de serem inseridos em ações de mediação cultural, ou seja, participarem de atividades artístico-pedagógicas, visando à facilitação do acesso físico e linguístico a determinado produto ou bem artístico-cultural. Cada vez mais presente na dinâmica da produção cultural brasileira, a mediação cultural esbarra, porém, numa série de desafios e entraves, dos quais abordaremos aqui três deles.

O primeiro diz respeito à ausência de uma política pública no segmento da mediação cultural que se detenha a compreender a relação entre o campo da cultura e da educação, de forma não hierarquizada, mais complementar e fundamental para a constituição de uma cidadania cultural. É sintomático desse cenário a distanciada relação entre o Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério da Educação (MEC)², com reverberações nas escalas da gestão estadual e municipal.

Impõe-se como outro desafio para a mediação cultural o desconhecimento das bases teórico-metodológicas e a operacionalização desse campo por parte de muitos gestores de espaços culturais. Refletir sobre a mediação cultural é também questionar sobre a função social do equipamento cultural, é reconhecer a diversidade dos atores sociais e que estamos diante de uma sociedade heterogênea. De-

² Todavia, pontuamos como emblemática a publicação da Portaria Interministerial nº 6/2015 que visa a criação de um grupo de trabalho para viabilizar uma cooperação técnica entre MinC e o MEC.

vemos trabalhar na “perspectiva da diversidade cultural como uma construção política, um processo para a consolidação de uma sociedade plural”. (BARROS, 2012, p. 25). Para tanto, devemos travar os enfrentamentos necessários a alguns paradigmas e elitização que muitos equipamentos culturais ainda incorporam.

O terceiro desafio se refere ao diminuto número de educadores de artes na educação pública formal, consequência da ausência de concursos públicos, sobretudo para áreas específicas das artes³ e, principalmente, por conta da não compreensão da arte como uma área de produção de conhecimento. A presença desses profissionais no ambiente escolar é importante porque pode contribuir para desmistificar a arte como objeto acessível a poucos, desconstruí-la como conhecimento distante do cotidiano e promover a consciência sobre o seu valor na sociedade e na vida dos indivíduos. Porém, a arte no ambiente escolar ainda é encarada como supérflua, destinada ao ensino de desenhos geométricos e trabalhos manuais ou um produto artístico direcionado para o calendário de festejos tão comum nas escolas (Dia das Mães, Páscoa, São João, etc).

A arte na escola tem o papel de contribuir para o desenvolvimento racional e emocional dos alunos, encarando-os como um ser integral (corpo e mente). O desenvolvimento da sensibilidade desses sujeitos é um passo importante para a formação de públicos futuros. A mediação cultural está diretamente ligada ao campo da educação, na perspectiva de potencializar a presença da arte na escola, oportunizando uma fruição estética, contextualizada, para que os educandos possam reelaborar essa experiência a partir de suas próprias vivências.

³ Na área de artes é comum a contratação de professores polivalentes para ministrar aulas de segmentos diversos do campo artístico.



Crianças com mediador cultural, no foyer do Espaço Xisto Bahia, durante a programação do Festival de Artes para a Infância – PETIZ 2016, Salvador-Bahia. Crédito: Pedro Gabriel.

Por esse aspecto, vale citar a autora Ana Mae Barbosa (2016), que esclarece:

Existe a arte como expressão e a arte como cultura. A arte como expressão (...) é a capacidade de os indivíduos interpretarem suas ideias através das diferentes linguagens e formas. A arte como cultura trabalha o conhecimento da história, dos artistas que contribuem para a transformação da arte. É muito importante que

o aluno tenha um leque de conhecimento acerca do seu próprio país e do mundo. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte. (MAE, 2016, s/p).

A presença da arte na vida dos sujeitos vai muito além da formação de novos artistas. É, acima de tudo, o exercício de leitura do mundo e de si. Este é um direito constitucional, e deve ser garantido por políticas públicas democráticas e republicanas. Apesar dos desafios que dificultam a realização de um trabalho sistemático, ampliado e integrado da mediação cultural, ainda assim ela ocorre, em micro escalas, como pequenas revoluções que eclodem e trazem um frescor nesses tempos sombrios, onde um discurso conservador, intolerante e silenciador tenta consolidar-se hegemônico.

O trabalho da mediação cultural trata-se de militância, de olhar o outro como fundamental para que o fenômeno artístico ocorra. “Aí está um ponto essencial: os espectadores veem, sentem e compreendem alguma coisa à medida que compõem seu próprio poema, como fazem, à sua maneira, atores ou dramaturgos, diretores, dançarinos ou performers” (RANCIÈRE, 2014, p.18). Os públicos são coautores das obras, por isso a mediação cultural deve desenvolver um trabalho na perspectiva de um ‘espectador emancipado’ (RANCIÈRE, 2014), que ao tomar conhecimento do diferente, flexibiliza o Ser e Estar no mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A importância do ensino das artes na escola**. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BARROS, JM. **Diversidade e Cidadania**. In: Políticas para as artes: prática e reflexão. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012. 216p.

_____. **Mediação, Formação, Educação: duas aproximações e algumas proposições**. Revista Observatório Itaú Cultural: OIC – N. 15 (dez. 2013/maio 2014) São Paulo: Itaú Cultural, 2013, p. 08- 14.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SOBRE PÉS-DE-MOLEQUE E A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

Alison Rosa

A presente nota pretende ser um breve relato de uma situação instigante, corriqueira dentro da cultura escolar, e de como a ausência da mediação, como natureza da prática educativa, impede a presença da reflexão crítica sobre o que se faz, tendendo a cristalizar costumes e valores culturais tidos como naturais. Na Semana Nacional da Consciência Negra, as escolas públicas e privadas inserem um calendário de atividades específicas para a promoção do debate sobre a complexa condição da população negra no país ao longo da história, cumprindo uma legislação específica que prevê a obrigatoriedade da abordagem dessa questão, que se faz necessária, no ambiente escolar.

Para tanto, na escola onde leciono, realizaram uma reunião com os professores para planejar as ações que iriam ser desenvolvidas com alunos e pais, e o que cada turma faria como pesquisa e projeto a ser apresentado para toda a comunidade escolar. Como começo da conversa, a supervisão e a direção solicitam ao corpo docente que sugira e pense em ideias para a Semana de Consciência Negra:

“- Então gente, vamos colher ideias para as atividades da Semana

da Consciência Negra! Quais ideias sugerem? Cada professor deve pensar em uma proposta para a sua turma...”.

A grande maioria dos professores, brancos, responde prontamente: “- Uai... é fazer mesmo feijoada... pé-de-moleque... cocada... eles gostam mesmo de fazer comida, de comer no dia... cada turma faz alguma coisa...”. Um acalorado debate se estabelece. Outros educadores discordam da proposta, incluindo o que escreve este texto, apontando outras possibilidades de abordagem do assunto, que tratassem de forma mais crítica as narrativas de transformações e permanências, socioeconômicas e culturais, nas quais a população negra no Brasil figura: “- De boca cheia o tempo inteiro não dá pra conversar!. Temos que ter cuidado para não reforçar alguns lugares historicamente condicionados para o negro, a cozinha dentre eles”. A semana de Consciência Negra na escola deveria oportunizar a criação de outras perspectivas críticas sobre, por exemplo, o fato de que no Brasil:

“homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios, de acordo com informações do Atlas da Violência 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descon-

tado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência”. (OLIVEIRA, 2017, s/p).

É inegável a contribuição das tradições africanas e afro-americanas na constituição da culinária mundo afora, especificamente no Brasil. Também não se discordava ali da feitura dos quitutes que tanto nos encanta como herança das mãos negras na construção da base alimentar do país (servindo como ponto de partida para uma discussão mais ampla e honesta), mas não se pode furtar, enquanto projeto pedagógico, a necessidade de discussão clara e aberta sobre essa e outras graves situações sofridas pelos negros no Brasil.

Educadores, em um espaço escolar, ao associarem o negro à somente comida e pés-de-moleque, indicam o abismo sob o qual esta questão se alicerça. Enquanto célula da sociedade, os preconceitos de toda ordem, velados e também não, e a desinformação ali se encontram entre as paredes e salas de aula. Cabendo ao professor que se faz mediador, um educador, portanto, provocar a construção de novas percepções sobre os lugares e papéis, atribuídos e conquistados por essa população ao longo do tempo, que extrapolam a cozinha. Em certo sentido, guardadas as devidas proporções, a casa grande e a senzala ainda existem em nosso país, basta lembrar da imagem de uma cela de prisão e de quem a ocupa majoritariamente.

Fatos muitas vezes inconvenientes fazem-se evitados para não haver o que alguns colegas chamam de “polêmica”, pois nessa aula, ainda muitas vezes somente o professor fala, de acordo com seu único ponto de vista. A mediação propõe relacionar diferentes pon-



tos de vista, nessa aula todos falam num processo dialógico, muitas vezes difícil e delicado, mas que gera a tão necessária (em tempos como o nosso polêmica, levando em consideração o olhar e a trajetória do jovem negro de chinelo na escola, e tudo o que ele representa enquanto cidadão marginalizado e também enquanto sujeito cada vez mais atuante: uma potência de transformação. Eles querem sair da cozinha, e se quiserem voltar, que seja uma escolha consciente, não uma falta de alternativa.

Referências:

OLIVEIRA, Tory. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Carta Capital, 2017.

SOBRE OS COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

José Márcio Barros

Professor do PPg em Artes da UEMG, do PPg em Comunicação da PUC Minas. Professor Colaborador do PPg em Cultura e Sociedade da UFBA. Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural. E-mail: josemarciobarros2013@gmail.com

Mariana Angelis

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MINAS (2013).

Camila Alvarenga

Mestre em Comunicação pela PUC Minas e pesquisadora do Observatório da Diversidade Cultural.

Plínio Rattes

Doutorando em Cultura e Sociedade (IHAC/UFBA). Pesquisador do Observatório da Diversidade Cultural. Atua como gestor cultural do Sesc Bahia, desde 2011. E-mail: pliniorattes@gmail.com

Poliana Bicalho

Professora de Teatro, Atriz e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: polianabicalho.producao@gmail.com.

Alison Dosa

Educador, com experiência na educação formal e não formal. Professor efetivo de História da rede estadual de ensino, também atua com projetos culturais de formação continuada. Pesquisador do Observatório da Diversidade Cultural e do Núcleo de Pesquisa em Teatro para Educadores do Grupo Galpão. É formado em História pela UFMG, com Especialização em Educação Inclusiva pela PUC-MG e está iniciando o Mestrado acadêmico em Artes pela UEMG

SOBRE O OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

O Observatório da Diversidade Cultural – ODC – está configurado em duas frentes complementares e dialógicas. A primeira diz respeito a sua atuação como organização não-governamental que desenvolve programas de ação colaborativa entre gestores culturais, artistas, arte-educadores, agentes culturais e pesquisadores, por meio do apoio dos Fundos Municipal de Cultura de BH e Estadual de Cultura de MG. A segunda é constituída por um grupo de pesquisa formado por uma rede de pesquisadores que desenvolve seus estudos em várias IES, a saber: PUC Minas, UEMG, UFBA, UFRB e USP, investigando a temática da diversidade cultural em diferentes linhas de pesquisa. O objetivo, tanto do grupo de pesquisa, quanto da ONG, é produzir informação e conhecimento, gerar experiências e experimentações, atuando sobre os desafios da proteção e promoção da diversidade cultural. O ODC busca, assim, incentivar e realizar pesquisas acadêmicas, construir competências pedagógicas, culturais e gerenciais; além de proporcionar experiências de mediação no campo da Diversidade Cultural – entendida como elemento estruturante de identidades coletivas abertas ao diálogo e respeito mútuos.

Pesquisa

Desenvolvimento, orientação e participação em pesquisas e mapeamentos sobre a Diversidade Cultural e aspectos da gestão cultural.

Formação

Desenvolvimento do programa de trabalho “Pensar e Agir com a Cultura”, que forma e atualiza gestores culturais com especial ênfase na Diversidade Cultural. Desde 2003 são realizados seminários, oficinas e curso de especialização com o objetivo de capacitar os agentes que atuam em circuitos formais e informais da cultura, educação, comunicação e arte-educação para o trabalho efetivo, criativo e transformador com a cultura em sua diversidade.

Informação

Produção e disponibilização de informações focadas em políticas, programas e projetos culturais, por meio de publicações e da atualização semanal do portal do ODC e da Rede da Diversidade Cultural – uma ação coletiva e colaborativa entre os participantes dos processos formativos nas áreas da Gestão e da Diversidade Cultural.

Consultoria

Prestação de consultoria para instituições públicas, empresas e organizações não-governamentais no que se refere às áreas da cultura, da diversidade e da gestão cultural.com a temática da diversidade cultural refletem sobre a complexidade do tema em suas variadas vertentes.

SOBRE O BOLETIM DO OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

O Boletim do Observatório da Diversidade Cultural é uma publicação mensal em que pesquisadores envolvidos com a temática da diversidade cultural refletem sobre a complexidade do tema em suas variadas vertentes. Para colaborar com o Boletim, envie textos para: info@observatoriodadiversidade.org.br.

Expediente

Coordenação geral: José Márcio Barros

Conselho Editorial:

Giselle Dupin - MINC - <http://lattes.cnpq.br/2675191520238904>

Giselle Lucena - UFAC - <http://lattes.cnpq.br/8232063923324175>

Humberto Cunha - UNIFOR - <http://lattes.cnpq.br/8382182774417592>

Luis A. Albornoz - Universidad Carlos III de Madrid - http://portal.uc3m.es/portal/page/portal/grupos_investigacion/tecmerin/tecmerin_investigadores/Albornoz_Luis

Núbia Braga - UEMG - <http://lattes.cnpq.br/6021098997825091>

Paulo Miguez - UFBA - <http://lattes.cnpq.br/3768235310676630>

Comissão editorial: José Márcio Barros e Plínio Rattes

Revisão editorial: José Márcio Barros e Plínio Rattes

Revisão de texto: Camila Alvarenga e Carlo Ferrara

Diagramação: Carlos Vinícius Lacerda

Foto de Capa: Daniel Alvarez

Contato

info@observatoriodadiversidade.org.br
www.observatoriodadiversidadecultural.com.br